

---

## PRIORIDADE TEOLÓGICO-PASTORAL DA PNEUMATOLOGIA

HOJE:

“O ESPÍRITO PRECEDE A VINDA DE CRISTO” (SÃO BASÍLIO) \*

**Theological-Pastoral priority of pneumatology today:  
"The Spirit precedes the coming of Christ" (St. Basil)**

*Víctor Codina SJ* \*

**RESUMO:** O artigo se propõe recuperar a Pneumatologia – em contraposição ao esquecimento do Espírito na teologia latina – e refletir não só em torno à presença pós-pascal do Espírito na Igreja e no mundo, mas também sobre o Espírito como condição necessária para o acesso ao Senhor, o que implica importantes consequências para a pastoral de hoje.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cristologia e Pneumatologia, Mistagogia, Profetismo ético, Pmanência cósmica, Tempo de advento.

**ABSTRACT:** The article intends to recuperate the Pneumatology – before the forgotten dimension of the Spirit which has happened in Latin theology – and reflect not only on the paschal presence of the Spirit in the Church, but also on the Spirit as a prerequisite for access to the Lord, which implies major consequences for the pastoral care of today.

**KEYWORDS:** Christology and Pneumatology, Mistagogy, Ethical prophetism, Cosmic immanence, Advent season.

---

Universidad Católica Boliviana de Cochabamba (Cochabamba, Bolívia). Artigo submetido a avaliação em 27/02/2012 e aprovado em 02/03/2012.

As profundas mudanças que experimentamos no mundo de hoje nos âmbitos social, econômico, técnico, político, cultural e climático repercutem necessariamente no âmbito religioso e espiritual da humanidade. Já é um lugar-comum falar de crise, de mudança de época e de paradigma, de uma nova era axial, de um terremoto seguido de um forte tsunami que tudo sacode e invade. Neste contexto globalizado como ressituar a fé e a vida dos cristãos, das Igrejas e de sua missão evangelizadora? Que elementos da identidade cristã são irrenunciáveis e que novos desafios interpelam nossa fé e nossa práxis cristã? Como ser cristãos e cristãs no século XXI? Que novos acentos e impulsos temos de assumir em nossa vida e missão cristã de hoje?

### *I. Cristocentrismo da fé eclesial*

Começamos reafirmando que Jesus Cristo constitui a identidade básica da fé cristã, da Igreja, da evangelização e da missão, já que a essência do cristianismo não consiste em uma doutrina nem em uma ética, nem em uma filosofia religiosa que existam independentemente de Jesus de Nazaré, sua vida e seu mistério pascal.

O característico do ser cristão é a pessoa mesma de Jesus e Ele é o que determina o ser, o agir e a doutrina do cristianismo. Fora dele não há salvação (At 4,12), ele é o caminho, a verdade e a vida (Jo 14,6), Jesus Cristo é o centro do querigma, da liturgia e da diaconia da Igreja, os primeiros concílios foram cristológicos para defender a divindade do Filho e a verdade de sua encarnação em Jesus de Nazaré.

A cristologia se desenvolveu e se renovou amplamente na segunda metade do século XX, aprofundando suas raízes bíblicas, integrando o Cristo da fé com o Jesus histórico, redescobrimo a centralidade do Reino e da opção pelos pobres em sua práxis messiânica, ressaltando a importância da ressurreição em sua missão salvífica, etc. Este capítulo é bem conhecido e basta recordar os nomes de K. Rahner, E. Schillebeeckx, F. X. Durrwell, J. Moingt, J. M. Castillo, J. I. González Faus, etc. entre os teólogos europeus e os de L. Boff, C. Palacio, J. Sobrino, J. L. Segundo, C. Bravo, I. Ellacuría, M. Hurtado etc. entre os latino-americanos.

Tanto a encíclica *Redemptoris missio* de João Paulo II (1990) como a própria declaração *Dominus Iesus* (2000), questionável em muitos aspectos, com razão insistem na centralidade salvífica de Jesus Cristo diante das tentativas de relativizar o mistério de Cristo na história da salvação sob o pretexto do diálogo inter-religioso em que a figura de Cristo poderia parecer dificultar a aproximação entre as religiões e espiritualidades. Deve-se afirmar claramente que uma coisa é desocidentalizar, deslencenizar ou

descolonizar o cristianismo e outra muito diferente é descristianizar o cristianismo ou limitar-se a uma cristologia *light*.

Indubitavelmente esta fé cristológica sempre se situou em um contexto trinitário: Jesus é o Filho do Pai, a Palavra feita carne (Jo 1,14) e aquele que nos promete e confere o Espírito (Jo 14-16; Lc 24,49; At 2). Tudo isto é amplamente conhecido, é algo que damos por suposto, algo irrenunciável e que nos serve como pedra de toque para discernir qualquer corrente ou movimento espiritual: em confronto com a vida, morte e ressurreição de Jesus se discernem todos os espíritos (1Jo 4).

## *II. Olvido do Espírito*

Mas muitas vezes o centralismo de Cristo, sobretudo no Ocidente, levou a certo esquecimento do Espírito, a um cristomonismo, na expressão do teólogo ortodoxo Nikos Nissiotis, no qual o Espírito sempre fica como um apêndice final. Este tema também já foi amplamente estudado.<sup>1</sup>

Este esquecimento do Espírito na Igreja latina além de ter reduzido praticamente a teologia trinitária à trilogia Deus-Cristo-Igreja, teve consequências muito negativas na práxis cristã: prevalência do doutrinal, do moral e ritual sobre o vivencial e experiencial; inflação do jurídico, do institucional e estrutural da Igreja sobre o comunitário, o carismático e místico; perda do simbólico e poético; inflação do magistério eclesiástico com pouco respeito ao *sensus fidelium* do Povo de Deus; centralismo universalista romano diante da legítima autonomia e sinodalidade das Igrejas locais; guerras religiosas, cruzadas, inquisição e antissemitismo; postura apologética e proselitista na missão, imobilismo, arrogância eclesial e fechamento ao mundo secular e a seus avanços modernos; favorecimento de um cristianismo puramente sociológico e cultural; divórcio entre teologia e espiritualidade, com a conseguinte debilitação da fé do povo; distanciamento da Igreja e da fé por parte de grandes setores da sociedade (intelectuais, cientistas políticos, operários, jovens e atualmente as mulheres...). O custo eclesial deste olvido do Espírito tem sido muito sério e merece uma profunda reflexão.

<sup>1</sup> Y. M. CONGAR, *El Espíritu Santo*, Barcelona: Herder, 1983, p. 188 (trad. bras.: *Creio no Espírito Santo: revelação e experiência do Espírito*, V. 1, São Paulo: Paulinas, 2005); M.C.L. BINGEMER, O amor escondido. Notas sobre a kenosis do Espírito no Ocidente, *Concilium* n° 342, p. 54-65, setembro 2011. V. CODINA, *Creio en el Espíritu Santo*, Santander, Sal Terrae, 1994, p. 42-50. (trad. bras.: *Creio no Espírito Santo: pneumatologia narrativa*. São Paulo: Paulinas, 1997).

Mas por outro lado este esquecimento do Espírito espontaneamente suscita sucedâneos e provoca reações contrárias, muitas vezes excessivas, com risco de pneumatomonismo, com uma espiritualidade e uma pastoral que deixa na sombra a encarnação do Filho e o compromisso cristão que daí deriva.

## 1. Mariologia

Dos sucedâneos do Espírito centremo-nos no principal que é a Virgem Maria e a Mariologia.<sup>2</sup>

Na América Latina a devoção do povo a Maria e a peregrinação a seus santuários é um fato que marca profundamente a fé. Muitas vezes o povo cristão atribui a Maria características do Espírito: rosto materno e feminino de Deus, que visibiliza a misericórdia e ternura compassiva de Deus, consoladora, advogada, defensora dos fiéis ante o juiz Cristo e ante o Pai. Maria exerce sua maternidade para conosco, dá-nos a vida da graça, mostra-nos e revela-nos Jesus, é vida, doçura e esperança nossa, leva-nos a Jesus, como expressa a célebre formulação “a Jesus por Maria”. Inclusive um conhecido teólogo latino-americano, ao ver a devoção do povo a Maria se perguntou se não se poderia falar de uma espécie de união hipostática entre o Espírito e Maria, à semelhança da encarnação do Verbo em Jesus...

Certamente esta devoção mariana pode desembocar e às vezes desemboca em uma hipertrofia mariológica, com um déficit de Cristologia e de Pneumatologia, há risco de cair em uma mariolatria como os cristãos da Reforma nos criticam continuamente. Por trás desses excessos há uma falta de evangelização realmente trinitária sobre o Cristo, o Espírito e o amor do Pai; persiste no povo simples, também no não tão simples, um sentimento latente de medo e terror ante o juízo final e a possibilidade de condenação: Maria é boa, a “boazinha”, em comparação com um Deus justo juiz, exigente e duro... Muitas vezes os primeiros missionários promoveram a devoção a Maria com uma clara intenção apologética antiprotestante. Evidentemente todos esses excessos que não negam a boa fé do povo, devem ser corrigidos à luz de uma evangelização plena da Palavra e do lugar que ocupa a devoção a Maria dentro da história da salvação.

Mas há certamente outro aspecto desta devoção mariana que não podemos esquecer. É preciso recordar que à diferença da pessoa de Jesus que é visível, encarnada na geografia e na história, com fatos e palavras que se

---

<sup>2</sup> Deixamos de lado outros dois sucedâneos do Espírito que segundo alguns autores também têm sido reais, a eucaristia e o Papa que, na expressão de Mons. Maurício Lefèbvre, junto com Maria constituem “as três brancuras que Deus nos deu”. Sobre este ponto e o da mariologia se pode ver o que afirma Congar em seu livro clássico já citado, *El Espíritu Santo*, p. 188-194.

recolheram na tradição dos evangelhos, a pessoa do Espírito é invisível, silenciosa, anônima, quenótica e obscura, sem nome próprio, fluida, dinâmica, verbo mais que substantivo, expressa-se biblicamente através de símbolos cósmicos como o alento vital e o vento, a água, o fogo, o perfume, a unção com óleo, a ave e a pomba que voa...

Pois bem, a tradição patrística oriental viu em Maria um ícone não só da encarnação e da Igreja, mas também do Espírito Santo, graças à especial vinculação de Maria com o Espírito na encarnação e em toda sua vida. Como escreve o teólogo russo Paul Evdokimov, “a virginal Maternidade da Theotókos (Mãe de Deus) é considerada como uma figura do Espírito Santo”<sup>3</sup>. E mais, João Damasceno afirma que Maria, enquanto Mãe de Deus (Theotókos), contém toda a história da economia divina no mundo.<sup>4</sup>

Não se trata, pois, simplesmente de criticar a devoção popular a Maria, mas de explicitar as dimensões cristológicas, pneumatológicas e trinitárias que estão contidas no ícone de Maria, de modo que Maria não se converta em um sucedâneo do Espírito, mas em uma imagem simbólica e em um sinal visível que revele a ação do Espírito na história da salvação e em toda a vida cristã.<sup>5</sup>

## 2. *Pentecostalismo*

Outro fenômeno a se considerar é o auge do pentecostalismo em todo o mundo, também na América Latina, concretamente no Brasil, crescimento tão importante que alguns autores o comparam com o surgimento do movimento da Reforma do século XVI. Na realidade deve-se falar de pentecostalismos, pois sob esta palavra se incluem o pentecostalismo clássico de inícios do século XX, os movimentos carismáticos que existem nas Igrejas históricas, tanto católica como evangélicas, e o neopentecostalismo recente. O tema foi amplamente estudado por sociólogos e teólogos<sup>6</sup>, por isso nos limitamos a constatar que este acontecimento, em meio a seu grande pluralismo, é uma crítica séria a uma religiosidade cristã excessivamente racional, fria, pouco humana e pouco sensível aos problemas e necessidades vitais do povo que num mundo tão duro e cruel como o atual,

<sup>3</sup> P. EVDOKIMOV, *Présence de l'Esprit Saint dans la tradition orthodoxe*, Paris: Cerf, 1969, p. 78.

<sup>4</sup> *De fide orthodoxa* III, 12, PG 94, 1029C.

<sup>5</sup> A exortação apostólica de Paulo VI *Marialis cultus*, 1974, 26-27, expressa bem a relação entre Maria e o Espírito Santo.

<sup>6</sup> Veja-se o n° 119 da *Perspectiva Teológica*, janeiro/abril 2011, dedicado à onda pentecostal e os artigos de Veli-Matti KÄRKKÄINEN, “O Espírito derramado sobre toda carne”. Testemunhos pentecostais e experiências do Espírito Santo, *Concilium* n° 342, p. 75-84, setembro 2011 e de Leopoldo Silveira CAMPOS, Pneumatologias em conflito. “Pentecostais clássicos” e “neopentecostais” brasileiros, *Concilium* n° 342, p. 85-97, setembro 2011.

busca experiência espiritual, necessidade de conversão, saúde e cura espiritual e corporal, consolo, inclusão social, alegria, festa, etc. e por isso recorre ao Espírito de Pentecostes.

É evidente que todos esses movimentos pentecostais precisam ser discernidos à luz do mistério de Jesus de Nazaré, mas isso não impede reconhecer sua importância e o desafio pastoral e teológico que eles representam para as Igrejas. No fundo postulam um maior reconhecimento teórico e prático do Espírito na vida cristã de hoje.

### **3. Busca de novas espiritualidades**

Finalmente queremos dizer uma palavra sobre a New Age, nebulosa esotérica e confusa, ligada à passagem da constelação de Peixes à de Aquário, que busca a fluidez, o espontâneo, uma espiritualidade holística, onde se integrem o corpo e o cosmos, a harmonia e a paz interior, a reconciliação com o presente imediato, com muitos elementos das cosmologias orientais, muitas vezes assumidos como religião *à la carte*, etc.<sup>7</sup>

Sem dúvida, em meio a muitas ambiguidades e confusões que necessitam de um contínuo discernimento à luz do evangelho, a New Age é uma crítica a uma espiritualidade fria, desencarnada, racionalista e voluntarista e, por outra parte, um anelo por experiências e realidades que a partir da fé cristã podemos identificar como uma busca anônima do Espírito.

### **III. Necessidade de uma complementação pneumatológica**

O Concílio Vaticano II (1962-1965) impulsionou uma renovação pneumatológica na Igreja, respondendo aos desejos e orações de João XXIII que pedia que o Concílio fosse um verdadeiro Pentecostes para a Igreja. As críticas dos observadores ortodoxos, protestantes e anglicanos que apontavam a falta de pneumatologia dos textos que se discutiam, foram amplamente escutadas.

Congar enumera alguns dos avanços positivos da pneumatologia conciliar: sua pneumatologia não é um pneumatocentrismo mas uma pneumatologia claramente cristológica, o Espírito é o Espírito de Cristo, a Igreja serve ao Espírito de Cristo, é uma comunidade unida pela unidade do Pai, do Filho e do Espírito, o Espírito se acha presente nos sacramentos, sobretudo atra-

<sup>7</sup> Ver: La New Age ¿mística o mistificación? in X. MELLONI, *Hacia un tiempo de síntesis*, Barcelona: Fragmenta Editorial, 2011, pp. 145-162.

vés da epiclesse, recuperam-se os carismas na Igreja, o Espírito atua na história (GS), etc.<sup>8</sup>

Mas apesar desses avanços positivos do Vaticano II, Paulo VI não duvidou em afirmar que: “À cristologia e especialmente à eclesiologia do Concílio, deve suceder um estudo novo e um culto novo ao Espírito Santo justamente como complemento que não deve faltar ao ensinamento do Concílio”<sup>9</sup>.

João Paulo II também deu contribuição à pneumatologia com sua encíclica *Dominum et vivificantem* (1986)<sup>10</sup>. Não obstante, ainda hoje surgem vozes pedindo uma revolução pneumatológica: “Uma vez que se levou a cabo (pelo menos parcialmente) a revolução cristológica, é o momento de renascer (ou melhor, simplesmente de nascer, porque nunca esteve viva) uma revolução pneumatológica. Esta poderia ser a tarefa para a teologia do futuro”<sup>11</sup>.

Por sua parte, Simón Pedro Arnold, teólogo radicado no Peru, afirma que se deve passar da cristologia do Jesus histórico e da *Gaudium et Spes* (GS 22,32) a uma cristologia trinitária e à pneumatologia, à experiência espiritual e à presença do Espírito na história, em consonância com a teologia oriental, os Santos Padres, os movimentos carismáticos, as religiões originárias<sup>12</sup>.

Parece-me que a exigência atual e o mais interessante seria elaborar uma espécie de pneumatologia fundamental que não se limitasse a reconhecer a presença do Espírito na Igreja e no mundo depois da Páscoa-Pentecostes, como dom do Ressuscitado, mas que aprofundasse também em chave pneumática como condição necessária de acesso a Cristo, como mediação que prepara os caminhos do Senhor na criação, na história, nas pessoas e na própria Igreja. Quer dizer, uma perspectiva pneumatológica mais na linha de Lucas e Atos que na de João.

Isso estaria conforme com estas afirmações de Pedro Trigo: “O que ao falar da Trindade em si vem em último lugar, a saber: o Espírito, ao falar de nossa relação com ela, ele ocupa o primeiro”<sup>13</sup>. E: “Também por este motivo, a atualidade do Espírito deve ter primazia”<sup>14</sup>.

Trata-se, pois, de dar uma prioridade teológico-pastoral à pneumatologia na Igreja de hoje, o que certamente contrasta com uma visão da

<sup>8</sup> Y. M. CONGAR, *El Espíritu Santo*, Barcelona: Herder, 1983, pp. 195-201.

<sup>9</sup> Audiência geral de 6 de junho de 1973, cita em CONGAR, l.c. p. 201, nº 17.

<sup>10</sup> Ver um comentário atualizado desta encíclica em Paul D. MURRAY, *Leitura da encíclica Dominum et vivificantem* hoje, *Concilium* nº 342, p. 139-143, setembro 2011.

<sup>11</sup> J. I. GONZÁLEZ FAUS, *La Iglesia católica-romana no es la verdadera Iglesia de Cristo*, *Revista Latinoamericana de Teología*, nº 83, maio-agosto 2011, p. 264.

<sup>12</sup> S. P. ARNOLD, *Ensayos andinos*, Puno-Cochabamba: Verbo Divino, 2009, p. 97-114.

<sup>13</sup> Pedro TRIGO, *El método en teología*, in INSTITUTO DE TEOLOGIA PARA RELIGIOSOS (Org.), *XXX años de Itinerancia (1979-2009)*, Caracas: ITER, 2010, p. 170.

<sup>14</sup> *Ibid.* p. 203.

evangelização prioritariamente querigmática, de anúncio da Palavra, de formação bíblica e catequética... Mas não vivemos uma inflação de doutrinas, palavras, magistério, catecismo, aulas de religião, cursos de formação, homilias, transmissão de conceitos e tradições... em comparação com um déficit de experiência espiritual, de interioridade, de iniciação, de silêncio contemplativo e de mistagogia?

Para que nossa proposta não pareça estranha, seria preciso recuperar a tradição bíblica, patrística e litúrgica da Igreja.

#### *IV. Aproximação bíblica*

Não pretendemos apresentar aqui uma fundamentação bíblica da pneumatologia, mas somente dar algumas pistas que ajudem a recordar que o Espírito prepara os caminhos do Senhor.

O primeiro relato da criação nos diz que “a terra era *woho – wa-bohu* (caos, confusão), e as trevas cobriam o abismo, enquanto a *ruach elohim* pairava sobre as águas” (Gn 1,2). A interpretação cristã tradicional reconhece na *ruach elohim* uma referência ao Espírito Santo, uma presença anterior à Palavra criadora que se refere a Cristo (Gn 1,3). A exegese histórico-crítica opõe a esta interpretação que em Gn 1,2 se trata de uma descrição do caos típica do Oriente, na qual o Espírito está fora de lugar e que se deveria traduzir como a presença da tempestade de Deus, no sentido de forte vento. Comentários recentes procuram um meio termo entre a perspectiva dogmática e a histórico-crítica, prestando mais atenção à tessitura do texto e vendo em Gn 1,2 uma menção ao alento de Deus: a Palavra de Deus que se expressará em forma criadora, está presente desde o começo no alento de Deus. E as três traduções assumem significados convergentes da palavra hebraica *ruach* que pode significar vento (Gn 2,7; Qo 1, 14.17) alento (1Rs 19,12) e espíritos de diversa índole, que se move com a vibração do pairar de uma ave (Dt 32,12), ave que antecipa as asas divinas que protegem o povo (Sl 91,4) e que pode ter-se desenvolvido logo na imagem do Espírito como pomba (Mc 1,10; Mt 3,16; Lc 3,22)<sup>15</sup>.

O que fica claro é que a presença amorosa do alento vital, princípio divino que capacita um universo emergente para ser e evolucionar e que a tradição cristã interpretará como o Espírito criador, inseparavelmente unido à Palavra<sup>16</sup>.

<sup>15</sup> Marie-Theres WACKER, O Espírito de Deus no espaço público das comunidades cristãs – Inspirações a partir da Bíblia hebraica, *Concilium* n° 342 p. 30-40, 2011.

<sup>16</sup> D. EDWARDS, *Alento de vida*. Una teología del Espíritu creador, Estella: Verbo Divino, 2008, p. 67s (trad. bras.: *Sopro de vida: uma teologia do Espírito criador*, São Paulo: Loyola, 2007).

Este Espírito é que moverá com força as figuras que conduzem Israel, juízes, reis e sobretudo profetas, que anunciam que o futuro rei messiânico estará cheio do Espírito (Is 11). Este Espírito é quem suscitará o nascimento de João Batista (Lc 1,15), que preparará os caminhos do Senhor. Espírito é quem desce sobre Maria de Nazaré (Lc 1,34), para fazer dela a mãe de Jesus. Este Espírito desce sobre Jesus no batismo (Mc 1,10; Mt 3,13; Lc 3,21; Jo 1,32) e guia toda a vida de Jesus, como Lucas ressalta continuamente (Lc 4,1; 4,14...). Este Espírito é quem ressuscitará Jesus dentre os mortos (Br 8,11) e que prosseguirá a obra de Jesus a partir de Pentecostes (At 2). Os Atos dos Apóstolos nos narram como o Espírito anima a evangelização apostólica e como se derrama inclusive sobre os gentios num Pentecostes semelhante ao da primeira comunidade (At 10). Paulo resumirá graficamente esta relação estreita entre o Espírito e Jesus ao dizer que ninguém pode dizer “Maldito seja Jesus”, se está movido pelo Espírito, e ninguém pode dizer “Jesus é o Senhor”, a não ser movido pelo Espírito (1Cor 12,3).

Ademais de tudo isso, quereríamos insinuar que se deve ter também em conta a importância do segredo messiânico nos evangelhos, sobretudo em Marcos, para evitar que o messianismo de Jesus fosse mal compreendido antes da Páscoa (Mc 1,25.34.44; 3,12; 5,43; 7, 36; 8, 26.30; 9,9). Não deveríamos hoje praticar também certo segredo messiânico em algumas circunstâncias?

Sem dúvida esta linha teológica segundo a qual o Espírito antecede e prepara os caminhos do Senhor não pode desconhecer nem muito menos estar em contradição com a teologia joanina que liga estreitamente o Espírito ao mistério pascal de Jesus (Jo 7,39; 19,30; 20, 22), mas uma visão que reduzisse o Espírito para depois da ressurreição de Jesus não daria plenamente conta do mistério do Espírito na criação e na história. Nas palavras do teólogo e pneumatólogo Denis Edwards: “Não deveríamos pensar que o Espírito vem só depois da ressurreição de Jesus. Ele está ativo em cada etapa da história da salvação”<sup>17</sup>.

## V. Aproximação patrística

Limitar-nos-emos, também aqui, a dar algumas referências de como alguns Padres da Igreja unem estreitamente cristologia e pneumatologia e insinuam uma precedência do Espírito no tocante ao acesso a Jesus.

É já muito conhecida a afirmação de Irineu sobre as duas mãos do Pai, o Filho e o Espírito, com as quais Deus nos cria e acompanha sempre<sup>18</sup>. O

<sup>17</sup> D. EDWARDS, *Aliento de vida*, Estella: Verbo Divino, 2008, p. 57.

<sup>18</sup> IRINEU, *Adv. Haer.* 5,28,4; 4,7,4; 4,20,1; 4,38,3; 5,1,3; 5,6,1; 28,4. Ver sobre este tema o estudo teológico de Luiz Eustáquio dos Santos NOGUEIRA, *O Espírito e o Verbo. As duas mãos do Pai*, São Paulo: Paulinas, 1995.

próprio Irineu para explicar por que o Filho não se encarnou no início da criação, insinua que Deus devia acostumar-se com a humanidade e a humanidade teria que ir acostumando-se com o modo de atuar divino, já que Deus não é violento, não quer impor a comunhão divina, mas pedagogicamente espera o tempo oportuno para cumprir seu desígnio salvador de recapitular tudo em Cristo<sup>19</sup>.

De São Basílio, o grande teólogo do Espírito, temos esta conhecida formulação:

“A vinda de Cristo, o Espírito a precede.  
A encarnação: dela é inseparável o Espírito.  
As ações milagrosas, os carismas de cura: ocorrem por meio do Espírito.  
O diabo é rechaçado, ante a presença do Espírito.  
A redenção dos pecados acontece na graça do Espírito”<sup>20</sup>.

E também em outro lugar Basílio afirma que o Espírito antecede ao fato crístico: “O caminho do conhecimento de Deus vai desde o único Espírito, mas pelo único Filho, até o único Pai. E ao contrário, a bondade criativa, a santidade natural e a dignidade régia fluem do Pai, pelo Filho até o Espírito<sup>21</sup>.

E Paul Evdokimov, bom conhecedor da patrística oriental pode concluir que: “Pode-se dizer de uma maneira geral, que a ação santificante do Espírito precede todo ato onde o espiritual toma corpo, se encarna, se converte em cristofania, manifestação de Cristo”<sup>22</sup>.

A epiclese litúrgica, tão característica do Oriente, também corrobora esta presença e prioridade do Espírito na ação deificante dos sacramentos. O axioma *lex orandi, lex credendi* revela-nos que a invocação ao Espírito nos sacramentos expressa esta fé e confiança da Igreja orante na ação do Espírito. O Espírito é que santifica, transforma os dons, realiza a comunhão dos fiéis com Cristo e entre si. Nédio Pertile demonstrou com profundidade que a teologia pneumatológica de Paul Evdokimov se expressa sob o signo da epiclese<sup>23</sup>, o que demonstra esta prioridade do Espírito em toda a vida da Igreja. Esta linha de pensamento teológico se pode estender ao conjunto dos Padres e teólogos da Igreja oriental.

<sup>19</sup> IRINEU, *Adv. Haer.* 5,1,1.

<sup>20</sup> BASÍLIO, *De Spiritu Sancto* 16,39.

<sup>21</sup> BASÍLIO, *De Spiritu Sancto* 18,47.

<sup>22</sup> P. EVDOKIMOV, *Présence de l'Esprit Saint dans la tradition orthodoxe*, Paris: Cerf, 1977, p. 87.

<sup>23</sup> N.PERTILE, *Manifestado pelo Espírito Santo*. Paul Evdokimov: Teologia sob o signo da epiclese. Tese doutoral. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Belo Horizonte, 2005.

Mas todo o caminho recorrido nos leva a perguntar-nos se esta precedência do Espírito com relação ao fato cristológico tem fundamento trinitário, pois ordinariamente a teologia trinitária ocidental ressaltou sobretudo que o Espírito procede do Pai e do Filho.

## VI. Fundamento trinitário último

Resumindo muito brevemente o contexto da problemática do Espírito entre o Oriente e o Ocidente, recordemos que o credo de Niceia professa a fé no Espírito Santo e o de Constantinopla acrescenta que o Espírito é Senhor e vivificante e procede do Pai. Mais tarde, nos concílios III e IV de Toledo, para expressar claramente em contraste com os arianos da Espanha que o Filho é Deus, acrescenta-se ao credo Niceno-constantinopolitano que o Espírito procede do Pai e do Filho (*Filioque*). Séculos depois, por pressões sobretudo políticas, Roma acrescenta o *Filioque* ao credo latino, ato que o Oriente não aceita e que em 1054 será uma das causas da ruptura entre Oriente e Ocidente<sup>24</sup>.

O Oriente crê que o *Filioque* discrimina o Espírito e provoca uma dualidade na Trindade entre o Pai-Filho que atuam como um só princípio e o Espírito que procede de ambos.

Encontramo-nos certamente diante de duas teologias diversas da Trindade, a ocidental que Agostinho desenvolverá mostrando que o Espírito é o laço de comunhão entre o Pai e o Filho, e a oriental que ressalta a monarquia do Pai e não limita o Espírito a ser o vínculo da comunhão intratrinitária.

Após séculos de infrutuosas discussões, em um clima mais ecumênico, atualmente alguns teólogos do Oriente, como Evdokimov, chegam a admitir que se pode aceitar o *Filioque* se se completa com o *Spirituque*, isto é, com a afirmação de que o Filho é gerado pelo Pai com a presença amorosa do Espírito<sup>25</sup>. Também da parte católica, F. X. Durrwell afirma que Deus é Pai e engendra o Filho pelo Espírito e isto se manifesta na teologia econômica ou *ad extra* enquanto Jesus nasce do Espírito e é ressuscitado pelo Espírito<sup>26</sup>. O Pai engendra o Filho amando e o ressuscita amando, e esta potência divina é o amor, o Espírito de Deus é amor. Não há de pôr-se o

<sup>24</sup> Pode-se ver um maior desenvolvimento histórico do *Filioque* in V. CODINA, *Los caminos del Oriente cristiano*, Santander, Sal Terrae, 1997, p. 22-24.

<sup>25</sup> P. EVDOKIMOV, *Présence de l'Esprit Saint dans la tradition orthodoxe*, Paris: Cerf, 1977, p. 71.

<sup>26</sup> F. X. DURRWELL, *Nuestro Padre: Dios en su misterio*, Salamanca: Sígueme, 1990, p. 90-102 (trad. bras.: *O Pai: Deus em seu mistério*, São Paulo: Paulinas, 1990).

Espírito em terceiro lugar, como uma Pessoa estéril: o Espírito nem é o começo, que corresponde ao Pai, mas tampouco é o final, está no começo e no final, pois o Pai engendra o Filho no Espírito, é coeterno com o Pai em seu engendramento e com o Filho em sua filiação. Não é estéril, é a própria fecundidade de Deus, por isto recebe dos fiéis a mesma honra e glória que o Pai e o Filho<sup>27</sup>.

Em palavras técnicas e um tanto escolásticas de K. Rahner, o Espírito é causa eficiente do evento crístico, mas Cristo é causa final da ação do Espírito<sup>28</sup>. Neste sentido toda cristologia é pneumatológica, pois Jesus de Nazaré é o ungido pelo Espírito e é constituído Messias e Cristo.

Indubitavelmente esta concepção teológica do Espírito pode causar estranheza na mentalidade latina acostumada a situar o Espírito no final da Trindade, mas, como afirma o teólogo ortodoxo B. Bobrinskoy, a Igreja sempre oscilou entre o esquema Pai-Filho-Espírito e o esquema Pai-Espírito-Filho<sup>29</sup>.

É necessário complementar dialeticamente a perspectiva joanina, agostiniana e latina do *Filioque* com a mais lucana e oriental do *Spirituque*, há pericorese, intercompenetração, circunsessão entre ambos. O Espírito será sempre o Espírito de Jesus, as duas mãos do Pai são inseparáveis, filiação e processão coexistem eternamente em igualdade e reciprocidade de comunhão, a Fonte última é o Pai, cuja essência é engendrar infinitamente o Filho no Espírito<sup>30</sup>. Estamos diante do Mistério...!

## VII. Atualidade pastoral

Se esta reflexão pneumatológica é correta, deve marcar e influir nos diversos campos da pastoral, pois toda teologia em última instância se refere à práxis eclesial. Organizaremos a problemática à luz das três dimensões do Espírito: a mística ou interior, a profético-ética e a cósmica.

### 1. Dimensão mística

Esta prioridade do Espírito sobre a cristologia significa que não se pode ter acesso à fé cristã e à Igreja sem uma experiência interior, chame-se sapiencial,

<sup>27</sup> F. X. DURRWELL, *Jésus Fils de Dieu dans l'Esprit*, Paris: Cerf, 1997, 97-99.

<sup>28</sup> K. RAHNER, *Curso fundamental sobre la fe*, Barcelona: Herder, 1979, p. 369-371 (trad. bras.: *Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*, São Paulo: Paulinas, 1989).

<sup>29</sup> B. BOBRINSKOY, *Le Mystère de la Trinité*, Paris: Cerf, 1975, p. 78.

<sup>30</sup> F. X. DURRWELL, *Jésus Fils de Dieu dans l'Esprit Saint*, Paris: Desclée, 1997, p. 113, onde cita um texto de Mestre Eckhart: "A aspiração suprema de Deus é engendrar", *Sermo 11, Impletum est tempus Elisabeth*.

espiritual ou mística. Isso significa que tanto a primeira como a nova evangelização não pode começar ministrando ideias ou normas, mas deve ser mais que tudo mistagógica, uma iniciação à experiência espiritual, uma experiência fundante, um evento, um encontro, sem o qual não se pode começar a ser cristão<sup>31</sup>. A missão antes de ser um anúncio do querigma cristológico e eclesial há de ser experiencial e dialogal, iniciando a experiência e partindo da experiência dos demais, algo assim como Paulo faz no areópago de Atenas ao partir de sua adoração ao Deus desconhecido (At 17, 23). É necessária uma abertura previa à Transcendência, ao Absoluto, ao Espírito, antes do anúncio do querigma pascal. É preciso possuir uma paciência pedagógica e histórica, como a de Deus na história da salvação e inclusive assumir certo silêncio messiânico, para preparar pneumatamente os caminhos do Senhor, reconhecendo sua presença, antes de dar nome a esta experiência mística e profética que brota do Espírito de Jesus morto e ressuscitado. O Espírito chegou sempre antes dos missionários evangelizadores cristãos. Esta atitude está muito longe do proselitismo e da pressa por ganhar novos adeptos...

A missão evangelizadora se parece mais com a tradição da paternidade espiritual que do professor, do catequista, do doutrinador, do mestre. Como afirma um teólogo espiritual católico de rito oriental: “Sem paternidade-maternidade espiritual a nova evangelização não terá a penetração e profundidade necessárias para cumprir de verdade sua própria missão em uma Europa que está profundamente descristianizada”<sup>32</sup>.

Esta prioridade da experiência espiritual hoje se reveste de uma urgente atualidade, como já afirmou profeticamente K. Rahner nos anos do pós-concílio: necessita-se de uma mistagogia ou iniciação à experiência espiritual, de modo que o cristão do futuro ou será um “místico”, quer dizer, uma pessoa que “experimentou” algo, ou não será cristão<sup>33</sup>.

Hoje em dia não só encontramos cristãos que têm certa crença sem pertença eclesial<sup>34</sup>, mas também cristãos, tanto nos países do Norte como na América Latina, que têm sentido de pertença eclesial, mas sem uma autêntica crença cristã, quer dizer, foram batizados na Igreja de Críandade mas muitas vezes não creem nem são discípulos<sup>35</sup>. Por que Aparecida tomou

<sup>31</sup> BENTO XVI, *Deus é amor*, n. 1.

<sup>32</sup> Marko I. RUPNIK, *En el fuego de la zarza ardiente*, Madrid: PPC, 1998, p. 102.

<sup>33</sup> K. RAHNER, *Espiritualidad antigua y actual*, *Escritos de teología*, v. VII, Madrid: Taurus, 1967, p. 25.

<sup>34</sup> “Believing without belonging” (cf. Gracie DAVID, Oxford: Wiley-Blackwell, 1994).

<sup>35</sup> “Être sans croire” (cf. Danièle HERVIEU-LÉGER, Paris: Flammarion, 1999) que se pode traduzir como pertença sem crer, ou seja, incrédulos pós-cristãos que querem manter símbolos cristãos porque pertencem à cultura ocidental (cf. L. GONZÁLEZ-CARVAJAL, *Cristãos sem Igreja*, *Concilium* n° 340, p. 98-104, abril 2011).

como lema o ser discípulos de Jesus Cristo em um continente em que a maioria são batizados? Por que os ditadores da América Latina assassinavam em nome da civilização cristã ocidental? Por que a América Latina, o continente com maior número de cristãos, é o mais injusto e desigual? Não será porque houve uma evangelização doutrinal, mas não experiencial, que chegou à cabeça, mas não penetrou no coração?

Esta atitude mistagógica não só pode ajudar o diálogo com o mundo secular agnóstico ou ateu, mas também com os que buscam uma espiritualidade à margem das instituições religiosas, como *New Age* e outros projetos um tanto gnósticos de uma espiritualidade secular, laical, sem deuses nem crenças... Seguramente a partir de suas buscas e experiências espirituais é possível entabular um diálogo respeitoso e construtivo, enriquecedor para ambos, pois o Espírito do Senhor foi derramado sobre toda a humanidade.

O mesmo vale para o diálogo inter-religioso, tanto com as grandes religiões da humanidade como com as religiões autóctones, por exemplo, da América Latina. As religiões são fruto do Espírito (RH 6), a graça de Cristo comunicada pelo Espírito permite chegar à salvação todos (RM 10), o Espírito permite associar-se ao mistério pascal na forma só por Deus conhecida (GS 22), há ação do Espírito antes de Cristo, desde o princípio (DV 33), o Espírito está presente nas perguntas existenciais e religiosas da humanidade (RM 28-29), há mediações parciais de salvação que alcançam unicamente seu sentido pela mediação de Cristo (RM 5). O diálogo exige uma postura de humilde purificação, de fecundação e de busca de sínteses superiores, muito distantes do expansionismo imperialista ou do isolamento tribal<sup>36</sup>.

## **2. Dimensão profético-ética**

O Espírito não nos encerra em um misticismo intimista e distanciado da realidade. O Espírito que falou pelos profetas, que ungiu Jesus de Nazaré e o impulsionou a evangelizar os pobres e levar a boa nova aos que sofrem, é o mesmo impulso que nos leva a nós a prosseguir o caminho de Jesus.

Mas esta dimensão profético-ética não é algo meramente voluntarista ou moral, senão que é fruto da unção do Espírito que nos faz descobrir nos demais uma dimensão sagrada. O Espírito que fez com que os profetas discernissem os sinais dos tempos e descobrissem no clamor do povo a voz do Espírito que clama por justiça e equidade, é o mesmo que nos move hoje a nos abrir a seu clamor e a discernir os sinais dos tempos, pois cremos que o Espírito é quem rege e move a história e enche o universo (GS 11).

---

<sup>36</sup> X. MELLONI, *Hacia un tiempo de síntesis*, Barcelona: Fragmenta Editorial, 2011, p. 21-41.

A Igreja da América Latina que, desde Medellín (1968) e Puebla (1979), optou pelos pobres não o fez por motivos puramente sociológicos e humanitários, mas movida interiormente pelo Espírito que a fazia descobrir nos rostos doloridos destes irmãos excluídos o rosto do Senhor crucificado (Puebla 31-39) e afirma em *Aparecida* (2007) que a opção pelos pobres está implícita em nossa fé cristológica e que tudo que tenha a ver com Cristo, tem a ver com os pobres (*Aparecida*, 393). Se não é possível reconhecer Jesus como Salvador se não é pelo Espírito (1Cor 12, 3), só o Espírito nos pode fazer descobrir no rosto do pobre o rosto do Senhor. Deste modo, seguir Jesus pobre implica optar pelos pobres e este seguimento, sob a unção e a força do Espírito, converte-se em nós em fonte de vida plena, humanização para a mentalidade moderna ocidental, verdadeira divinização para o Ocidente cristão<sup>37</sup>.

No nível teológico, a teologia da libertação nasce de uma verdadeira experiência espiritual, de experimentar a presença do Senhor no clamor dos pobres e a sacralidade dos irmãos e irmãs pobres. Sem esta experiência espiritual prévia não se compreende esta teologia que facilmente pode ser tachada de sociológica, reducionista ou marxista. Muitas incompreensões com respeito à teologia da libertação nascem em grande parte de que seus censores críticos não tiveram esta experiência espiritual. O pobre na América Latina tornou-se um autêntico lugar teológico e a teologia da libertação se converteu com o tempo em uma teologia martirial. E tudo isso não se explica sem a presença atuante do Espírito: o dedo de Deus está aqui (Lc 11, 20).

Mas a partir da década de 90 há uma mudança de nível cultural e teológico, passa-se da Segunda Ilustração, centrada na injustiça e nos pobres, à chamada Terceira Ilustração aberta à alteridade e diversidade<sup>38</sup>. O Espírito é o Espírito da diversidade e alteridade pentecostal.

Os pobres têm sexo, cultura, religião, idade, sabedoria, não são somente pobres excluídos. Isso levou a discernir o Espírito no clamor dos jovens, das mulheres, dos indígenas e afro-americanos que são certamente uma alteridade excluída, mas não são só pobres, objeto de nossa atenção solidária, senão sujeitos de grande riqueza e potencialidade humana e espiritual. Através de seu clamor, clama o Espírito, pedindo respeito a sua identidade e dignidade, igualdade de direitos, necessidade de serem escutados e acolhidos e de constituírem-se em agentes de uma nova sociedade e de uma nova Igreja.

<sup>37</sup> J. COMBLIN, *O Espírito Santo e a libertação*, 2ª ed, Petrópolis: Vozes, 1988; G. GUTIÉRREZ, *Beber em seu próprio poço*, Petrópolis: Vozes, 1984; J. SOBRINO, *Espiritualidad y seguimiento*, in *Mysterium liberationis*, Madrid: Trotta, 1990, II, p. 449-476.

<sup>38</sup> V. CODINA, *La Tercera Ilustración*, in *Una Iglesia nazarena*, Santander: Sal Terrae, 2010, p. 163-180.

O tema já foi amplamente estudado<sup>39</sup> e estamos diante do surgimento de uma teologia feminista, intercultural, juvenil, indígena, afro-americana, índia... Detrás de tudo isso está a força vivificante da *ruach* que é preciso acolher, escutar, discernir antes de pretender evangelizá-la, como Jesus escutou a mulher cananea e mudou de parecer (Mc 7,24-30)<sup>40</sup>.

Em resumo, não há ética nem profecia sem uma mística, sem uma experiência prévia do Espírito do Senhor. E, ao contrário, toda verdadeira mística leva ao compromisso ético, o Espírito nos impulsiona a seguir Jesus e suas opções.

### 3. Dimensão cósmica

Por uma ampla série de motivos o Ocidente cristão assumiu uma postura negativa sobre o corpo e o mundo, atitude que contrasta com as experiências do mundo oriental, cristão e não cristão, e das religiões autóctones ou aborígenes estreitamente ligadas à terra. Como reação se produz hoje um forte descobrimento e revalorização do corpo e uma grande preocupação pela ecologia.

Isto nos leva a redescobrir também o sentido do Espírito criador que desde o *big bang* inicial até o final da história, dá vida e alento a toda a criação, da qual os seres humanos fazemos parte juntamente com as galáxias, estrelas, rochas, pássaros, répteis, cetáceos, bosques e flores.

Esta presença do Espírito criador no irmão sol e na irmã lua do Cântico franciscano, este Espírito de Deus que “habita nas criaturas, nos elementos dando ser, nas plantas vegetando, nos animais dando sensação, nos homens dando entender” dos Exercícios inicianos<sup>41</sup>, as belas páginas de Teilhard de Chardin sobre o dinamismo da matéria rumo ao ponto Ômega... podem servir-nos de pontos de partida para repropor hoje a presença do Espírito na criação, presença que está atravessada tragicamente pela gravíssima crise ecológica que padecemos.

Elizabeth A. Johnson estabelece três dimensões desta presença imanente do Espírito na realidade cósmica: uma presença criativa, o vento e alento da *ruach* que dá vida e renova a face da terra; uma presença imanente cruciforme do Espírito que, em meio à situação de morte biológica e de

<sup>39</sup> V. CODINA, *No extingáis el Espíritu*, Santander: Sal Terrae, 2008, p. 178-216 (trad. bras.: “Não extingais o Espírito” (1Ts 5,19): iniciação à pneumatologia, São Paulo: Paulinas 2010).

<sup>40</sup> Ver o magnífico estudo de L. CERVIÑO sobre esta passagem in *Otra misión posible*, Cochabamba: Editorial Itinerarios, 2010.

<sup>41</sup> INÁCIO DE LOYOLA, *Exercícios espirituais* n. 235. Que estas afirmações de Inácio se refiram ao Espírito, tentei mostrar in: V. CODINA, *Una presencia silenciosa*. El Espíritu Santo en los ejercicios ignacianos, Cuadernos Eides 62, Barcelona 2011.

violência, está em dores de parto (Rm 8, 22-23) e uma presença prometedora que avança desde a gênese inicial rumo à novidade do futuro de Deus e nos leva à terra nova e aos céus novos (Ap 21,5)<sup>42</sup>.

Esta presença e inabitação do Espírito na matéria cósmica e em nosso próprio corpo nos oferece uma visão holística e sacramental da realidade criada, que nas palavras de Tomás de Aquino participa do ser divino<sup>43</sup>, a terra é sagrada. A criação é um ícone do amor divino, sacramento da presença de Deus, do amor que move as estrelas.

Indubitavelmente esta visão pneumatológica de toda a criação fundamenta pela raiz uma ética ecológica que olha a criação como sacramento e não como objeto de consumo e depredação, que a estima como parte do projeto de comunhão do Deus Trinitário que quer que todos participemos da terra e a respeitemos como Terra Mãe para todas as gerações. Daí nasce também uma postura profética contra todo abuso da criação e o compromisso por salvá-la. O preceito “não matarás” inclui hoje também, por exemplo, o salvar a floresta tropical...

É claro que esta dimensão ecológica e cósmica do Espírito antecede à proclamação do evangelho de Jesus ressuscitado e pode ser compartilhada por pessoas de boa vontade de todas as culturas e religiões e estendida a todos os que buscam o respeito à vida, às pessoas e ao resto da criação.

### ***Conclusão: tempo de advento***

Evidentemente esta defesa da pneumatologia e da prioridade do Espírito na teologia e na pastoral não quer suscitar nenhum movimento de entusiasmo selvagem, nem de anarquia eclesial, nem atualizar o joaquinismo medieval, nem propiciar uma espiritualidade gnóstica sem Igreja, sem Cristo e sem Deus. Precisamente a vida que a *ruach* gera em meio ao caos do *tohu-wa-bohu*, é uma vida que alcança sua plenitude em Jesus de Nazaré morto e ressuscitado e que tem na Igreja seu sacramento visível. O Espírito é o Espírito do Senhor Jesus e em conformidade com sua vida, sua quênose, sua cruz e sua ressurreição se devem confrontar e discernir todos os movimentos de espíritos existentes. As mãos que são o Filho e o Espírito não se podem confundir, nem tampouco separar.

O que quisemos expressar é não só a urgência de recuperar a pneumatologia, mas também a importância de destacar que o Espírito é que desde a cria-

<sup>42</sup> Elisabeth A. JOHNSON, Espírito criador e ética ecológica: uma fronteira antiga, *Concilium* n° 342, 2011, p. 20-29.

<sup>43</sup> ST, I, q. 8.

ção nos conduz a Cristo, prepara seus caminhos e leva adiante sua missão. E embora desde a Páscoa tenha irrompido a presença da escatologia, tanto a Igreja como a humanidade ainda estão a caminho rumo à plenitude do Reino, à Parusia e aos novos céus e à nova terra. Neste caminhar, o Espírito continua presente e atuante, como esteve desde o começo da criação, através de Israel, da Igreja e da humanidade, através dos movimentos, culturas e religiões. Sob a força deste Espírito temos de iniciar antes de tudo uma pastoral mistagógica, profética e cósmica, que seguramente muitas vezes deverá preceder ao anúncio do querigma.

Estamos ainda em tempo de advento, um advento que não é simplesmente um memorial litúrgico de primeira vinda de Jesus, mas um advento histórico e escatológico que com toda a humanidade espera a vinda definitiva do Senhor. É tempo de espera e de esperança, de diálogo e de anúncio, de paciência e vigilância, tempo de silêncio apofático e de oração anônima de toda a humanidade, epiclese cósmica que se expressa nas palavras da Esposa que juntamente com o Espírito pedem ao Senhor que venha (Ap 22,17). Hoje como ontem, no advento da história, o Espírito prepara os caminhos do Senhor: “Vem, Senhor Jesus” (Ap 22,20).

**Victor Codina SJ** é doutor em teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, foi professor de teologia na Espanha e na Bolívia, atualmente é professor emérito da Universidade Católica Boliviana de Cochabamba. Alguns de seus livros são: *Creio no Espírito Santo*, São Paulo 1997; *Los caminos del Oriente cristiano*, Santander 1998; “*Noã extingais o Espírito*” (1Ts 5,19), São Paulo, 2010; *Una Iglesia Nazarena*, Santander 2010.

**Endereço:** Pasaje Escudado 101  
Casilla 2175  
Cochabamba – Bolívia  
e-mail: victorcodina@yahoo.es